

LIVRARIA NEVES-EDITORIA

:: Centro de Publicações ::
COIMBRA

Envia franco de porte todos os livros que lhe requisilem, a quem remetter a importância incluindo os seguintes:

Dr. Dias Ferreira— <i>Código Civil Português</i> (annotado) 4 vol.	10\$000
<i>Código Processo Civil</i> , 3 vol.	5\$500
Barbosa de Magalhães— <i>Código do Processo Commercial</i> (annotado), 3 vol.	3\$000
<i>Código de Fallencias</i> (annotado)	1\$200
<i>Código Penal</i> (annotado)	1\$000
Malatesta— <i>A Logica das Provas em Matéria Criminal</i> —Trad. J. Alves de Sá, 2 vol.	2\$500
Dr. Julio de Mattos— <i>Elementos de Psychiatria</i>	2\$500

E finalmente as obras de todos os auctores, especialmente portuguezes: Camillo, Eça de Queiroz, Flialho d'Almeida, Forjaz de Sampaio, Guerra Junqueiro, Julio Dantas, Julio Diniz, Malheiro Dias, etc., etc.

Propriedades e deposito da casa:

A RAJADA, cada numero	\$100
<i>Lições de Direito Civil Português</i> , 1 vol.	2\$800
<i>Lições de Direito Colonial</i> , 1 vol.	1\$400
<i>Lições de Finanças</i> , 1 vol.	2\$500
Marques da Cruz— <i>Frei Luiz do Coração de Maria</i> , 1 vol.	\$200
S. Galvão— <i>Rizadas</i> , 1 vol., 112 paginas	\$300
<i>Bibliotheca da Infancia</i> , 1 vol. br. 200 réis, enc.	\$300
(10 volumes publicados)	

<i>Bibliotheca Historica</i> , 1 vol. br.	
200 réis, enc.	\$200
(5 volumes publicados)	

Orfeon Academico de Coimbra (Memoria)

Numero unico luxuosamente impresso e enriquecido de gravuras.

Musicas de Costa Pinheiro

<i>Canções e Fados</i>	1\$000
<i>Noites d'Amor</i>	\$300
<i>Canções de Coimbra</i>	\$600

Obras por assignatura

Pinheiro Chagas— <i>Historia de Portugal</i> , cada tomo	\$300
Ockeo— <i>Historia Universal</i> , cada tomo	\$500
J. Diniz— <i>Pupilas do sr. Reitor</i> , cada fasciculo	\$300
Alfredo Kell— <i>Tojas e Rosmaninhos</i> , cada fasciculo	\$200
<i>O Douro</i> , cada fasciculo	\$500
etc., etc.	

Novo Dictionario da Lingua Portuguesa de Cândido de Figueiredo (orthographia moderna).

Magnifico sortido de papalarias, artigos de desenho, carteiros, livros em branco e muitos outros objectos de utilidade geral.

Chá e Café só em latas, as melhores marcas e mais conhecidas, tabacos, etc.

UNIVERSIDADE E LICEU DE COIMBRA

Quem desejar oportunamente informações sobre matriculas pode desde já enviar o nome e morada para receber gratuitamente um impresso que todos os annos esta livraria faz distribuir com o maior numero de informações e esclarecimentos.

A: RAJADA



DIRECTOR LITERARIO: AFFONSO DUARTE
 DIRECTOR ARTISTICO: CORREIA DIAS



A MIMI AGUGLIA

«Questo si fa per dolce incantamento.»

(PASCOLI).



:: NUMERO ESPECIAL DE ::
A RAJADA
EDIÇÃO E PROPRIEDADE DA
LIVRARIA NEVES-EDITORA
:::: COIMBRA ::::

: DO DR. TEIXEIRA
DE CARVALHO : ∞

A FORÇA emotiva do gesto andou, muito tempo, consagrada na linguagem popular por uma frase feita — o gesto é a linguagem das coisas mudas.

Hoje o gesto é considerado como a linguagem suprema; as grandes acções arquivam-se como grandes gestos.

E' fórma de dizer que, por banal, começa a ser de interpretação difficil.

O gesto não é apenas uma linguagem muda; é uma necessidade da linguagem articulada, e é, como éla, o resultado duma longa evolução.

O gesto é necessário para a expressão verbal perfeita do pensamento, e tradu-lo, por uma condição natural, em cada organismo, de uma fórma individual e própria, como a de pensar e exprimir pensamentos desde o mais simples e inicial até ao mais torturado pensamento moderno.

O gesto é hoje tão complicado e difficil de expli-

car como a palavra, pela evolução lenta que tem sofrido. O gésto de hoje está para o gésto inicial e primitivo, como o grito para a palavra articulada.

A representação plástica do gésto é uma conquista da arte moderna que deixou a admiração da beleza tranquila da arte clássica pela do movimento e da vida.

A poucos de nós pode dominar absolutamente a arte clássica que não nos canta o movimento e a vida que a arte moderna consagra em ritmos harmoniosos.

As mutilações ajuntam uma beleza nova ás estátuas gregas que as excavações arqueológicas põem cada dia ao sol.

A Vénus de Milo é admirada por todos; porque não tem braços e cada um os imagina ao sabor do seu desejo.

O gésto é também a expressão das emoções, do sentir e do pensar colectivo, como o é do pensamento e das emoções individuais.

Cada época, cada nacionalidade, cada provincia tem um gésto inconfundível, particular e próprio. E esse gésto é traduzido por toda a arte, na figura, como na paisagem, como até no que é de mais difícil expressão — na arquitectura.

Loye Fuller, fazendo acompanhar das ondulações dum tecido leve os géstos das suas danças, criou no fim do século passado toda uma arte e a curva das chamadas danças serpentinas fez viver um movimento novo ás plantas, modificou as linhas decorativas da arquitectura moderna.

E todos os artistas viram os movimentos daquelas danças admiradas na graça com que se moviam ao doce vento da primavera os delicados lírios do vale, na força com que o vento levava de rastos as nuvens pelo céu em tempestade.

E assim, na arte moderna, em vez da curva circular, traduzindo a estabilidade, na sua tendencia a fechar-se, appareceu a curva parabólica e a ancia da alma contemporanea lançando-se num movimento livre como um vôo ao infinito, numa linha que se suspende e quebra, num retrahimento d'onda a partir-se, para se erguer de novo, sempre na mesma aspiração insatisfeita.

O que se não encontra no gésto d'amôr duma mulher...

O mesmo se virifica sempre em todas as fases da história da arte. A pintura de paisagem levou muito tempo a criar; porque só lentamente se encontrou a harmonia do gésto do homem e o da Natureza.

Ha tanta distancia entre a fórma ingénua por que Boticelli representou o movimento do mar no quadro da Primavera e a fórça dominadôra da onda na téla célebre de Courbet, como entre o gésto simples duma criança e o torturado gésto da Mimi Aguglia.

Cada época tem o seu gésto próprio.

Nos quadros do século XVII até as flores parece usarem casaca de seda, terem atitudes cerimoniaes.

Nos quadros do século XVIII, os montes arrastam-se como se vestisse sêdas a terra, sobre que abrem grandes guarda-sôes os pinheiros mansos; tudo caminha no mesmo cortejo d'amôr, tudo se move no mesmo ritmo de graça e de elegancia.

Hoje o gésto é a consagração suprêma da arte-Sarah Bernhardt, a principio cantada como a Voz de Oiro, foi definitivamente consagrada pela admiração do seu gésto perfeito.

O gésto caracteriza as grandes criações dramáticas, tanto ou mais que o grito, e Mimi Aguglia é, como a critica franceza glorificou Sarah Bernhardt, uma rainha do gésto.

Quando cria em cêna uma criatura simples que muito sófre e nada sabe traduzir, na anciedade da sua carne torturada, Mimi Aguglia tem o gésto simples, com a violencia e a energia emotiva dos movimentos iniciaes de expressão, com a fôrça avassaladôra das manifestações instinctivas. E então a grande artista parece um novêlo de carne esmagada pela mão do destino, carne e sangue triturados de que mal sae numa convulsão a mão que outra vez se encolhe, o pé que se crispa como a garra de uma aguia que a fatalidade deitasse sobre a terra de ázas partidas.

E sempre o movimento caracteriza cada uma das suas criações. Na *Malia*, o gésto abandonado, o esboço da crise histerica aparece no primeiro acto como no último e sempre o gésto anuncia e caracteriza a crise que se aproxima, define e desaparece, e sempre é o gésto a suprema expressão da fatalidade tragica.

E não ha nada mais dominador nem mais dificil de crear do que o gésto.

Ao contrario da vóz que adquire a sua expressão mais artistica no canto, e por ele se torna a evocadora suprema de todas as torturas, de todas as alegrias, o gésto perde, na dança, toda a fôrça com que na arte dramatica reforça ou substitue a palavra, quando esta não sabe dar consciente o grito da carne.

Para que uma escultura traduza um movimento, diz Rodin, é necessario que o artista faça penetrar no marmore os olhos do admirador e crear nele o movimento fundo da carne que vem levantar a pele e agitar o corpo num ritmo harmonioso.

Assim é com o gésto. Quando traduz o pensamento anciado das criações de Mimi Aguglia, vê-se palpitar a carne d'êla num movimento violento, maximo como o brilho da luz a apagar-se, compreende-se toda

a tortura que crispa as cordas da sua voz, quasi a partirem-se pela tensão suprema do sentimento e da emoção.

E' a sinceridade, a propriedade do gésto que faz a beleza suprema da arte com que Mimi Aguglia representa.

E' tão verdadeiro que não ha ninguem que imagine que ela não sôfra, não viva a vida das personagens que cria.

E acompanha-a por isso sempre, fóra do teatro, a mesma adoração que em cêna despertou.

Por isso por onde ela passe não ha alma d'adolescente que não fique enamorada; o amor nasce como abrem simplesmente as flôres, á passagem da Primavera, no quadro de Boticelli...



: DE ALBERTO
FELIZ DE CAR-
VALHO : ∞ ∞

NA Eucharistia da sua Arte communguei a hostia redemptora da Perfeição; e agora, sacramentado pelo seu genio, as almas que ella purificou em belleza ante os meus olhos extasiados, acompanham-me por toda a parte, em volta de mim, como um cortejo d'elfos encantados, que me não deixarão mais pertencer a outro mundo extranho á sua roda, e me fazem tomar as criaturas que a mim se roçam, por phantasmas escarninhos de sêres a que eu outr'ora me assemelhei, e agora me dão calafrios, como espectros errantes de coisas que já não devessem existir.

Assim, alando-me n'uma assumption até Ella, visiono a plebalha, resolvendo-se alvarmente em torno das suas mesquinhissimas occupaões e mal comprehendendo já o sentido d'esse maluco vortilhão que me ameaça, que me persegue, n'uma praga jurada de afogar-me tambem e de afundar-me para sempre nas pregas asfixiantes do seu inferno de tédio, roubando-me sacrilegamente do sacrario d'almas onde a minha alma tinha sido recebida.

No desespero louco da fugida, vou até onde me leva o desejo de perfeição que Ella em mim esportou e uma febre percorre os meus nervos, fazendo-me

odiar todas as caramonas de mulheres que por mim passam e outra coisa não conseguem ser, senão frustes profanações da humanissima feminilidade em que Ella transfigurou a carne e o espirito das que tiveram a ventura de encontra-la, para n'ella viverem as suas paixões, os seus sacrificios, as suas revoltas ou as suas vinganças.

Presinto dolorosamente que a minha sensibilidade foi fadada, para só mais poder aceitar ao seu culto as figuras de aristocracia, os prodigios de raça, os refinamentos patricios, que esse corpo franzeninho plasticizou em atticismos de porte, que eram segredos encantados quebrando-se em apparições gritantes de belleza, n'uma prodigalidade de triumphos scenicos, que faz vertigens de commoção.

Vejo-me então desterrado, condemnado a uma existencia sosinha no meio da multidão, em penitencia eterna, como se commettera um peccado que não tem perdão, porque nem sequer a esperanza de um arrependimento pode restituir-me ao estado de graça, necessario a reconciliar-me com os arremedos humanos, que a sua Arte me faz desprezar e são todo o mundo que me rodeia.

N'este isolamento de tudo que não seja a minha paixão, começo a extranhar as minhas antigas affeições, quero pertencer-me absolutamente, renego tudo a que os outros sacrificam e liberto-me de todos os laços que prendiam a mais pequena parte da minha personalidade; suprehendo-me inteiramente outro, na plena posse de mim mesmo e uma afflictiva ansia de entregar-me, dominando-me como a fatalidade de uma velha predestinação, vem a todo o meu ser, para offercer-se em canticos de entusiasmo á Divina Mulher que elle já tinha advinhado, na injustificada peregrinação de ludibrios que seria — sem Ella — toda a sua vida passada.

Só tu, Mulher que, pela tua Arte, és a Benção da minha Vida, conseguiste até hoje possuir-me em tudo o que havia de mais guardado no fundo *d'este pequeno abysmo chamado coração*.

Esperava-te para cantar-te as odes pagãs de salvérainhas e louvores que intimamente ia compondo, na prophetica antevisão de alguma coisa absolutamente bella a que instinctivamente aspirava, por que secretamente vivia e era a tua Arte revelada em explosões d'amor, psalmos de voluptia, ladainhas de martyrios, rosarios passados de calvarios divinisantes...

E posso agora dizer que fui mago, porque tu appareceste para colher os votos da muda religiosidade que em mim se alimentava, sem eu saber bem porquê, n'um ritual d'emoção, cujas preces eram os momentos de recolhimento que a minha mysteriosa fé me pedia, quando os meus olhos contemplativos tinham visões, que eram prenuncios das Criaturas que em ti encarnaram.

Com ellas compuz um missal de illuminuras, que conservarei perpetuamente aberto e cujas paginas só deixarei de folhear, quando o teu genio voltar para cinzelar, na carne viva do teu corpo, as estatuas — orações que eu hei-de rezar todos os dias, com a devoção sacrificial em que se celebram, dentro de todas as religiões, os actos da mais pura lithurgia.

Em mim veio a tua Arte crear um culto.

Podesse ella ser entendida por todos os homens para que, á tua passagem, o mundo fosse um odeon em que se ouvisse um só canto fremente de todas as gargantas, n'um mesmo *élan* á tua gloria.



: DE NUNO
SIMÕES ::

CONTAM que uma vez um cego do occidente recuperou a vista ao tocar a imagem de Aphrodite, na Hellade eterna das estatuas vivas e da belleza immorredora.

E quando os seus olhos a primeira vez se abriram as suas mãos se ergueram para a deusa numa oração que começava assim :

«Salvé divina. Feliz de mim porque todas as mulheres são bellas e a minha fealdade a alguma tem direito. Meus olhos hei-de votar-tos para sempre.»

O milagre da belleza repetiu-se.

Como ao cego que encheu os olhos da divina nudez, a nós Mimi contagiou-nos das visões hallucinantes da paixão e mais do que o contacto da lenda hellenica dando a figura da deusa ao culto do barbaro, a sua passagem deu-nos uma alluvião de imagens maravilhosas surgindo num instante, subindo em extasis ou descendo em esgar, mais belas sempre do que a estatua grega porque são mais humanas.

E' uma tremenda fila ornamental de figuras dramaticas, quentes ainda da plasticisação immortal e

dominando-nos mais por isso mesmo, fixadas na retina segundo os momentos de alma e segundo elles reproduzidas depois quando a necessidade de lembrar actualisa o que está para alem da nossa vida.

Temo-las todas ao sabor dos nervos, soberanas quando caem e caindo ao dominar, mulheres sempre, de Dumas ou de D'Annunzio, de Capuana ou de outrem não importa.

Mila, Jana, Magda e Margarida Gauthier vivem no meu espirito presentes, uma que é carne fremente de peccado mas tem alma de puresa, outra, que da carne apenas tem a culpa, Magda, o amor de mãe explodindo em odio, Margarida, a paixão lilaz de beijos macerados.

Hora de evocação, vejo-as surgir, e como na nudez da estatua estava a de todas as gregas, na feminilidade e do genio da Tragica erguem-se todas as mulheres.

Pela febre de viver que me tortura eu a saúdo.

E porque a vida é a belleza eu a bemdigo como reveladora.



: DE AUGUSTO
CASIMIRO :: ::

: MILA DI CODRA :

UM sol oculto espéra anciosamente
Em cada coisa muda... E espera enquanto
O não revéla a Arte! — A Arte sómente
Que é toda a vida por dizê-la tanto.

Revelar almas é divino! A gente,
Num assombro de pánico e encanto,
Num momento, — olha a Vida frente a frente!

E os olhos ficam húmidos de pranto...

Revelar almas!... Ó divina maga,
MILA DI CODRA, ó MILA! — A tua voz
E' algema e aza, amaldiçôa e afaga!...

Vais morrer... mas sorrís divinamente!
— E a Vida, e a nossa Alma, então, em nós
Fitam-se num assombro, frente a frente!



: DE ARTHUR
RIBEIRO LO-
PES :: :: ::

EU não sei por quanto tempo meus sentidos reconstruirão as scenas d'essas noites que vivem em mim com a precisão d'uma realidade presente e a fixidez desesperante d'um extase.

A Malia!.....

Por si só, apenas, a peça é como sabem a mais maravilhosa reconstituição d'um trecho de vida regional. Numa revelação de realisação technica que vae desde a sequencia flagrantissima dos factos até á intencionalidade de cada promenor, a *Malia* tem a precisão, a brevidade e o poder subjugante d'uma scena por nossos olhos surpreendida a qualquer passo da existencia.

No segundo acto, quando todos os traços scenicos se conjugam na mesma força emotiva e a Artista, ensaiando os primeiros arrancos d'essa hysteria — que a visão artistica do feminino divinisa — se contorse e espiralise quasi numa convulsão ascencional instillando-nos em cada nervo a força d'um agente toxico, a tempestade apresiona-nos constantemente e sempre e, já agora, parece adquirir intenções de martyrio. Então, cada gesto tem em nós uma resonancia de catastrophe e cada ondulação nervosissima do seu corpo perturba-nos e esmaece-nos, em syncope.

Quando em baixo, na procissão, as vozes cantam, o quadro toma tintas de tela mistica: o grito supremo ascende, estrangulante, passando pelas colinas, como um fremito, e emquanto ao longe as cadencias religiosas os diluem, no Azul, a Malia horripila de nervosidade, offegante, convulsa, mortal, nos paroxismos d'essa hysteria bizarra que é bem, em ultima analyse, o Desejo esculpindo na carne os versiculos do seu evangelho.

Vejo-a agora na *Dama das Camélias*, colorindo todo o scenario de reflexos violaceos e de tintas palidas.

Vejo o seu perfil de tysica desenhado sobre um fundo unguido de perfumes mortuarios e, no lance maximo, o rictus da expressão, aquelle rictus supremamente theatral que, depois d'Ella, só a morte e a volupteem a arte de compôr.

E, de facto, só a absorpção hyper-esthesiante em toda a sua Arte. humanisando e eternisando estados d'alma e attitudes de mulher apaixonada ainda consegue levar-nos a sensibilidade até á consumação da conhecidissima peça.

Mimi Aguglia porque não vive no tempo as exigencias da sensibilidade d'uma epoca, mas vive na eternidade a alma da sua raça não tornou ainda escolar a curva dos seus gestos, nem, certo, a musica das

suas atitudes entrou nos moldes transitorios das correções academicas. Não. A sua Arte tem o bello e o tragico d'uma lava eruptiva e, sentindo-a, por nossos olhos paysagens perpassam, a côr do Sul, almas do Sul e o eterno poema do ceu da Italia cujas estrophes são soluçadas na sua voz, como na sua Alma as gerações condensassem tudo o que viveram de tragico e de sublime e a propria terra ciciliana aos seus nervos communicasse o rithmo convulso dos seus abalos.

As mãos de lava da sua Arte tocaram d'espirtualidade cada fibra do meu sêr. E agora, a minha admiração não tem já apenas a instantaneidade d'uma vertigem; entrou nas necessidades psychicas da minha organização e eu admiro-a, admiro-a como artista sente e como o crentê resa.



. DE HUMBERTO
D'AVELAR : ☉

NÃO ha, decerto, em terras latinas, instincto scênico mais agudo, intérprete mais perfeita das figuras populares.

E' que ela não as representa, *vive-as*, às sicilianas de sonho e terror, criaturas simples de sentimentos extremos, que sabem amar com fúria e odiar com raiva. Presas das mais grosseiras superstições, geradas numa incompleta combinação do forte e belo paganismo com um cristianismo áspero e sombrio, incubadas ao sol doirado das encostas vulcânicas, essas figuras são duma grandeza trágica nos grandes sentimentos, e duma ternura melancólica e imaginativa, sempre poética e elevada, mesmo nos lances mais simples.

E', de resto, este o traço fundamental do carácter das aldeias do sul.

Mas em nenhuma, como nas da Sicília, êle é tam vincado, tam profundo, tam característico. As mesmas andaluzas nos aparecem frouxas e como que diluidas na meia-côr duma raça gasta: basta comparar o teatro andaluz dos Quintero com as personagens de Capuana.

Ora Mimi Aguglia é a Siciliana: por isso éla não

necessita de representar as personagens do seu teatro; ela apresenta-se a si mesma, ao seu instincto singular, à sua hiperisteria, e nós vemos toda a raça, com a sua estuante violência, a sua exacerbação sentimental; e sentimos toda a dôr, todo o sofrimento secular, duma plebe miserável, no constante terror das catástrofes naturais, no permanente receio dos castigos sobrenaturais.

Não se esquece mais a torturante figura da pobre Jana *maliata*, estátua viva e muda do sofrimento imerecido; não se esquece, nêsse segundo acto de *situação*, em que as palavras sam inúteis, em que apenas serviriam para diminuir a emoção, a figurinha de Artista, dominando a scena com a sua pequenez, confrangendo a multidão com o seu silêncio, imensa no seu amarfanhamento.

A esta interpretação só é comparável a de Mila no primeiro acto da *Filha de Jorio*; mas nesta, a extrema irrealidade da personagem não deixa perder a impressão; enquanto a Jana, tam simples e real, fica para sempre gravada, como alguma desgraça que comôscio se passasse, como uma grande dôr que vivêsse a nosso lado.

Só duma coisa se tem pena: da pobreza dêste género de teatro, para a vêrmos muitas noites, todas as noites, e todas as noites a aplaudirmos com fervôr, e enriquecermos a recordação com a saúde da grande Siciliana, que triunfalmente passeia pela terra as figuras dolorosas da sua bela Ilha.



: DE AFFON-
SO DUARTE:

⊗ TRAGÉDIA ⊗
DO SOL-POSTO

JA no Mar largo, aos ritmos da espuma,
O longe d'agua espuma,
Em poeira do Ocaso, o Sol das mondas.

-- Ninfas resando avé-marias de ondas...

E o alem do Sol, em névoas côr de magua,
Que enorme, ás vagas! cheio de abandono!

-- Que estranho deserddado o mês do Outono...

— Crepúsculos da Tarde aos silvos na agua...

Já no Mar alto, esparso em oiro e bruma,
Caíndo á Tarde, aos fins, o Sol reçuma
As côres em delirio, o corpo em iris...

Eis a hora de partires,
Martir de amôr, meu coração do ocaso!

— Martírio rôxo em carne viva... Outono raso...

Já ás mancheias de côr sobre os casaes
O Sol, poente em praia, a tanta milha,
— Oh que soberba e estranha maravilha —
Deita as demãos aos últimos vitraes!

— Ruína e sombra contra a Terra exangue...

— Arvores côr de cinza e côr de sangue...

Oh que desgraça aí vae!

Sam de fôgo as figuras quando cae
O Sol no Mar... Que assombro!
Pizam lume os que vem de enxada ao hombro
E andam em braza as moças que das fontes
Vem de talha á cabeça! Olhae!... Olhae!...
Incendeiam-se os montes!

E frente ao Sol, meus olhos, ás divinas
Dos relêvos da côr sobre as colinas,
E essa frescura do ar que areja e touca
As altas cumeadas, a seu geito,
Dilatavam-me o peito
Cheio de força desvairada e louca!

E aconchegado á Terra, entre pinhaes,
O Sol dava de longe nos casaes
Labaredas vermelhas!

Eia! gritavam Sol as coisas velhas,
— Gritava eu!

E altíssimo Poeta que no céu
Me chamasse, e na Terra, e no Mar,
Labaredas de Sol, que o Sol me deu,
Aos espaços lançavam-me a gritar!
— Gritava eu!

As árvores em chama
Viam-se a arder no incendio do Sol-pôsto;
E as folhagens em braza e toda a rama
Queimavam o ar em tórno do seu rôsto.

Chego meu peito apertadinho á Terra
Que o fôgo vem de cima!
Mas, — ai — o Sol sublima
E a Terra é uma fornalha!

Sobre ela, agora, a vida se desterra:
Nem viv'alma trabalha!

Amôr! Amôr! Ó cheia de graça! Ó minha
Avé-Maria! A chama vem daninha
A's labaredas rubras pelas folhas...

Ai! vem depressa, Amôr, vê se ainda olhas...

Já nem ave e nem plata ou flôr respiga:
Arde no Sol em braza o nosso amôr...
Que vontade em gritar, ó minha amiga!
Sobre as queimadas vivas do Sol-pôr.

E entre delirios e trocados beijos
Noutras horas de ceus abençoados,
Chamam por mim os ultimos desejos
Em que assentámos ambos de mãos dadas.

No oceano do Sol onde me afôgo,
Por ti, por mim, e pelas coisas belas,
Os quatro ventos com a voz em fogo
Gritam sangue de Sol para as estrelas!

Olha as figuras como deitam lume
Sob o brazêdo vivo do Poente
A batalhar incendios e negrume!

Olha os Casaes com velhas a lareira
A contar contos mais a sua gente
Sob a graça de Deus e da fogueira...

E os fatigados do trabalho, sobre o esturro
Do saibro ardente e das folhas resequidas,
Fálam bafos de chamas n'um sussurro.

São os que vivem do suor do rôsto
E vêm de faces gastas e incardidas
De volta a casa ás horas do Sol-pôsto.

Sobre as nuvens do céu gritam ruínas:
Velhas contendadas de homens e de feras
Nos recontros abrutos das colinas.

Sobre as nuvens do céu andam galéras:
E naufragas muralhas sacudidas
Por despeito dos ventos da invernia.

E sam corpos ao Mar, — velas partidas
Dando-se ás aguas sobre a machoquia!

Mar... Mar de fogo! As nuvens sam as ondas
E sam naus que navegam á ventura!
Outras se mostram espectraes, hediondas!
E altas fórmias da nossa criatura.

ar... de fogo! Sobre o sol nos montes,
Afogueadas e rubras caravelas,
Correm, mergulham noutros horisontes!
Lá se vam elas!...

Lanço-me de alma arrebatada e jogo
Meu corpo ás Nuvens dentre o Sol que abraza!
E agua a estoirar em cima duma braza
As coisas ao redor gritam ao fogo!

E o Sol em chamas sobre a terra a arder,
De encontro ás Nuvens bate-se, de geito,
Que é um gôsto de Deus vê-lo morrer
Num mar de espumas, côr do céu, desfeito!



ar... de fogo! Sobre o sol nos montes,
Afogueadas e rubras caravelas,
Correm, mergulham noutros horisontes!
Lá se vam elas!...

Lanço-me de alma arrebatada e jogo
Meu corpo ás Nuvens dentre o Sol que abraza!
E agua a estostrar em cima duma braza
As coisas ao redor gritam ao fogo!

E o Sol em chamas sobre a terra a arder,
De encontro ás Nuvens bate-se, de geito,
Que é um gôsto de Deus vê-lo morrer
Num mar de espumas, côr do céu, desfeito!

